



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA LICENCIATURA PLENA**

**AYALLA VITÓRIA DA SILVA ANDRADE**

**IMPACTO DA EDUCAÇÃO REMOTA NO ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS,  
APRENDIZAGENS E DESAFIOS**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

**AYALLA VITÓRIA DA SILVA ANDRADE**

**IMPACTO DA EDUCAÇÃO REMOTA NO ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS,  
APRENDIZAGENS E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

**Orientadora:** Profa. Ma. Márcia de Albuquerque Alves

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553i Andrade, Ayalla Vitoria da Silva.  
Impacto da educação remota no ensino de história  
[manuscrito] : métodos, aprendizagens e desafios / Ayalla  
Vitoria da Silva Andrade. - 2022.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2022.

\*Orientação : Profa. Ma. Márcia de Albuquerque Alves ,  
Departamento de História - CH.\*

1. Ensino de história. 2. Ensino remoto. 3. Pandemia Covid-  
19. I. Título

21. ed. CDD 372.89

**AYALLA VITÓRIA DA SILVA ANDRADE**

**IMPACTO DA EDUCAÇÃO REMOTA NO ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS,  
APRENDIZAGENS E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

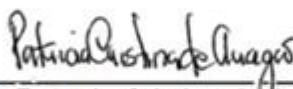
Aprovada em: 01/08/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Ma. Márcia de Albuquerque Alves (UEPB)  
(Orientadora)



---

Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)  
(Examinadora Interna)



---

Profª. Ma. Deise Silva Sousa  
(Examinadora Externa)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL: INTERRUPÇÕES E PERMANÊNCIAS .....</b>	<b>8</b>
<b>3 O ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19 .....</b>	<b>10</b>
<b>4 IMPACTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA MEDIANTE A EDUCAÇÃO REMOTA, EM TERMOS DE MÉTODOS, APRENDIZAGENS E DESAFIOS .....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 Tipo de pesquisa .....</b>	<b>13</b>
<b>4.2 Instrumento de pesquisa e coleta de dados .....</b>	<b>13</b>
<b>4.3 Análise e interpretação dos resultados.....</b>	<b>14</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## IMPACTO DA EDUCAÇÃO REMOTA NO ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS, APRENDIZAGENS E DESAFIOS

Ayalla Vitória da Silva Andrade \*

### RESUMO

O processo de reestruturação da educação diante do isolamento social causado pela Pandemia da Covid-19 gerou inúmeras consequências no modo de transmissão do conteúdo das disciplinas escolares. Nesse sentido, constata-se que as aulas remotas tentaram suprir e impor uma “normalidade” ao que concerne a falta de um ambiente físico como a escola, no caso da História enquanto disciplina especificamente, não há como aplicar os conteúdos de maneira tradicional como se estivessem sendo trabalhado no ambiente físico. O interesse pela pesquisa partiu da experiência tida com a disciplina de estágio, qual se deu em uma escola de ensino médio no ano de 2022, através do acompanhamento de aulas de História no formato híbrido. Nesta perspectiva, o objetivo da pesquisa remete em analisar os impactos da modalidade remota nas aulas de história e como esses obstáculos podem ser suavizados através de adaptações metodológicas. A pesquisa parte de uma perspectiva crítica, sendo realizada uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento dos estudos. A pesquisa também versará por meio de um questionário quali-quantitativo, com perguntas abertas e fechadas onde os respondentes serão professores de História, acerca da aproximação necessária com a tecnologia para o ensino remoto e sobre os desafios encontrados por professores e alunos nessa nova forma de ensino. Por fim, serão analisados e apresentados os resultados da pesquisa.

**Palavras-Chave:** Metodologia. Aula remota. História. Pandemia da Covid-19.

### ABSTRACT

The process of restructuring education in the face of the social isolation caused by the Covid-19 Pandemic has generated numerous consequences in the way of transmitting the content of school subjects. In this sense, it appears that the remote classes tried to supply and impose a "normality" regarding the lack of a physical environment like the school, in the case of history as a discipline specifically, there is no way to apply the contents in a traditional way as if were being worked on in the physical environment. The interest in the research came from the experience with the internship discipline, which took place in a high school in the year 2022, through the monitoring of history classes in the hybrid format. In this perspective, the objective of the research refers to analyzing the impacts of the remote modality in history classes and how these obstacles can be softened through methodological adaptations. The research starts from a critical perspective, being carried out a bibliographic research for the deepening of the studies. The research will also be based on a quali-quantitative questionnaire, with open and closed questions where the respondents will be History teachers, about the necessary approximation with technology for remote teaching and about the

---

\* Graduada do Curso de História Licenciatura Plena. ayallavitoria@gmail.com

challenges faced by teachers and students in this new form of teaching. teaching. Finally, the research results will be analyzed and presented.

**Keywords:** Methodology. Remote class. History. Covid-19 pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir os impactos da educação remota no Ensino de História, em particular, os métodos, aprendizagens e desafios observados neste processo. Pensar novos métodos de ensino para serem utilizados no ambiente da sala de aula virtual em história, e tornar possível um maior entrosamento do (a) aluno (a) por meio da tecnologia, obtendo maior aproveitamento de suas ferramentas se tornou o grande desafio entre 2020/2021.

Este processo teve como fio condutor as condições de distanciamento social impostas pela pandemia da Covid-19, que teve início no final de 2019, suscitando ao mundo uma nova realidade no âmbito social, na qual a prática do trabalho em *home office*, que já existia em algumas profissões, se tornou efetiva em quase todas as áreas durante esse período. Algumas profissões foram identificadas como essências, tais como saúde e alimentação, mas até elas tiveram alguns atendimentos *online*.

Na educação as medidas restritivas não foram diferentes, a sala de aula física que conhecíamos repleta de alunos sentados em suas carteiras e o (a) professor (a) escrevendo na lousa foi substituída por uma sala virtual, na qual todos (as) estavam conectados em uma plataforma *online* síncrona, assistindo a aula e interagindo professor (a)/aluno(a) por meio das câmeras de vídeo e microfone.

A sala de aula, sonhada por nós professores (as) é aquela que a interação é constante. No entanto, esta ainda não é uma realidade que se aplica na íntegra. Quando tratamos de uma aula presencial, essa interação constante já era um obstáculo, por outro lado, no ambiente remoto este desafio se revestiu de inúmeros outros, como as interferências externas de todas as ordens.

De um lado, temos o (a) aluno (a) do ensino infantil ao médio (Educação Básica), em diferentes níveis e aprendizagem, as quais nem sempre o mesmo tem a maturidade de usar a plataforma e se dedicar como faria no ambiente presencial, uma vez que fatores externos tendem a capturar sua atenção o distanciando de uma participação ativa para aprendizagem, visto que “O que constatamos, cada vez mais, é que a aprendizagem por meio da transmissão é importante, mas a aprendizagem por questionamento e experimentação é mais relevante para uma compreensão mais ampla e profunda.” (MORAN, 2017, p.35).

Por outro lado, temos o (a) professor (a) e seus desafios de todas as ordens. Segundo Caimi (2008), o (a) docente precisa dispor dos saberes a ensinar, para ensinar e do aprender. Além do saber específico, o saber pedagógico/didático e os saberes da aprendizagem. Todavia, ao adentrar neste mundo digital, estes três saberes se revestiram de outras necessidades e demandas. Era preciso pensar o conteúdo específico a partir de uma metodologia ativa, *online* e integrativa; e ainda, perceber como o processo de aprendizagem se dava a cada experimento.

O(a) professor(a) não teve tempo de planejamento ou preparo, simplesmente recebeu a informação que as aulas iriam ser remotas, quando muitos nem faziam ideia do que significava. A grande maioria dos discentes, independente de idade cronológica ou tempo de atuação, não tinha familiaridade com as ferramentas digitais. Utilizavam algumas, mas isoladamente, não em mediação com o assunto da aula. O fato é que não se teve um tempo para pensar novas possibilidades visto que todas as

medidas foram tomadas de maneira imediata, e após dois anos de pandemia está sendo possível observar o contexto da sala de aula remota e apresentar novos caminhos para resgatar esse aluno que se encontra do outro lado da tela.

Diante deste contexto, pensando de forma específica, nasceu a seguinte inquietação: Quais os impactos da Educação remota para o Ensino de História, em particular, em termos de métodos, aprendizagens e desafios? Este será o fio condutor da nossa pesquisa. Para responder a este questionamento, objetiva-se demonstrar os impactos da educação remota para o Ensino de História, em particular, em termos de métodos, aprendizagens e desafios. Para tanto, contextualizar o Ensino de História por meio das reformas educacionais; caracterizar o Ensino Remoto mediante a Pandemia da Covid-19; analisar os impactos no Ensino de História da educação remota, em termos de métodos, aprendizagens e desafios.

O interesse pelo tema foi a partir da experiência de estágio realizado no ano de 2022 dentro da dinâmica do ensino híbrido, que consiste em aulas presenciais e virtuais. Entretanto, o foco dessa pesquisa será, especificamente, a observação das aulas virtuais, que foram adotadas em virtude da pandemia na intenção de conter o vírus a partir do distanciamento social. A sala de aula virtual é um ambiente onde o professor realiza aulas ao vivo através de uma plataforma na *internet*, determinada pela instituição onde atua, para um grupo de alunos que fazem o acompanhamento em tempo real através de aparelhos celulares ou computadores em suas residências.

Durante o acompanhamento das aulas, foi possível observar momentos constantes de silêncio no que se refere à participação dos alunos. O desinteresse por parte dos alunos nas aulas história já é um problema no qual o docente está familiarizado, e vem tentando reverter esse cenário. Por outro lado, a impressão é que esse impasse ganha maiores proporções no contexto da educação remota, uma vez que surge em conjunto com outros aliados para se perpetuar durante a aula virtual.

Diante disso, a discussão aqui proposta consta da trajetória que o ensino a distância percorreu e como impactou o ensino de história na vida dos jovens estudantes, por meio da condução teórica somada a metodológica de como o professor tem buscado alternativas para amenizar a lacuna da apropriação a fim de perceber o progresso do aluno em relação à absorção do conteúdo.

Sobretudo, pretende-se analisar as condições existentes tanto no ambiente de uma aula *online*, quanto aos fatores externos que podem intervir e comprometer a atenção do aluno, conseqüentemente isolando a figura do professor de história. As categorias norteadoras da pesquisa são: Ensino de História por meio das reformas educacionais, Ensino Remoto mediante a Pandemia da Covid-19 e metodologias que podem contribuir com o Ensino de História da educação remota.

Por fim, serão suscitadas possibilidades de adaptações metodológicas e práticas já existentes, tendo como intermédio a sala de aula virtual, na qual a finalidade será aproximar o aluno de atividades que seriam aplicadas na condição presencial, sem perder a interdisciplinaridade da história com outras áreas do conhecimento, bem como propiciar ao aluno um novo olhar acerca de uma aula online através exercícios que façam o discente buscar, interagir e se divertir aprendendo sobre história, para que a sala de aula virtual consiga ter a mesma relevância e êxito que uma aula presencial.

Nesse caso, o presente estudo intenciona ainda estimular o diálogo da história entre a vertente escolar e acadêmica, que são tão interdependentes, através de uma linguagem simples, visto que é impossível atingir o sentido do saber histórico de maneira descoordenada, quando apenas se produz e reproduz. O papel da pesquisa é de extrema importância para a Academia, no sentido de gerar conhecimentos que



possam contribuir na elucidação desses problemas que podem trazer medidas efetivas no âmbito educacional.

Este estudo intenciona ser uma contribuição para a prática do docente voltada ao ensino básico com dinâmicas associadas a métodos que podem auxiliar na captura do envolvimento do aluno nas aulas de história dentro da modalidade de ensino remoto.

Neste sentido, para uma melhor compreensão, este estudo vai dialogar com Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009), José D'Assunção Barros (2005), Diene Eire de Mello (2020), José Moran (2018), entre outros.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar as condições impostas ao ambiente de uma aula *online* que dificultam o resultado que o educador de história tenta alcançar em relação à apropriação realizada por parte dos alunos. Em virtude de que:

Os métodos e técnicas indicam a leitura operacional feita pelo pesquisador da fase teórica e dos objetivos inseridos na pesquisa. Podem ser conceituados como os procedimentos destinados a produzir dados e explicações sobre algum fenômeno, partir de instrumentos apropriados visando colher elementos pertinentes e de relevância de cunho crítico-dialético mediante avaliações das informações adquiridas (MINAYO et al, 2011).

Para tanto, a pesquisa será inicialmente de natureza bibliográfica, permitindo que a pesquisadora possa aprofundar o conhecimento com base em diversos autores para a análise da problemática escolhida. A pesquisa será elaborada a partir da leitura crítica de materiais (artigos e livros) já publicados, embasando a discussão pertinente à problemática e a partir deste, construir elementos teóricos referente ao objeto de estudo. Posteriormente, a pesquisa será aplicada, uma vez que se utiliza de questionário de consulta a professores de História não recrutados, sendo estes não identificáveis.

Por fim, este Artigo Científico se organiza em três partes, sendo o seu primeiro uma discussão sobre o ensino de história diante das reformas educacionais, trazendo a história como uma doutrinação, como complemento de alfabetização e por fim seu estabelecimento como ciência que estuda a trajetória do homem no tempo e espaço. Esta sessão se encerra discutindo a história a partir do modelo republicano e como uma disciplina mais aberta a dialogar com outras áreas.

Na segunda parte será discutido sobre a educação à distância, que inicialmente teve a proposta de oportunizar jovens e adultos a estudarem em cursos profissionalizantes, curso superior, especialização; no qual estes pudessem conciliar uma rotina de estudo e de trabalho, ou seja, sem que o trabalhador precisasse abrir mão do seu emprego em detrimento da continuidade dos estudos. Apesar da facilidade na logística e com a perspectiva de oportunizar, a educação a distância divide opiniões, alguns autores trazem críticas alegando que esta modalidade não propicia a participação, não suscita a criticidade e o debate.

Ainda nesta parte será discutido sobre a tecnologia, a *internet* como instrumento facilitador de transformação, tanto em entidades públicas como privadas, sobretudo a partir do ano de 2020 com a pandemia da COVID-19, visto como uma estratégia de continuidade no ensino respeitando o isolamento social. Será de uma grande complexidade, com uma atuação cheia de lacunas, e que exige planejamento minucioso pensando na perspectiva de contemplar todas as realidades socioeconômicas. Tal como a escola, os professores encontraram no ensino da disciplina da história muitos desafios para sua concretização.

Na terceira parte será discutido o cerne da pesquisa sendo ele os impactos do ensino de história mediante a educação remota. A pesquisa se deu além da busca por bibliografias existentes, por um questionário quali-quantitativo com perguntas abertas e fechadas direcionadas a professores de história. O questionário será pautado na atuação dos professores, os improvisos do ambiente virtual, a metodologia utilizada na aproximação com as ferramentas digitais e os desafios encontrados por estes que tiveram que se adaptar a nova forma de ensino.

## **2 A CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL: INTERRUPÇÕES E PERMANÊNCIAS**

Antes de tentarmos compreender como o fator substancial das relações durante a pandemia da Covid-19 impactou o ensino da história e suas práticas metodológicas, precisamos adentrar no que concerne à própria caracterização do ensino de história diante das reformas educacionais, visto que, essas irão determinar a essência do ato de ensinar história, o modo de narrar à história e priorizar fatos, personagens para conseguir integrar-se do que chamamos de História, como discorre Bittencourt (2011, p. 140):

Conhecer e acompanhar as principais tendências da produção historiográfica não é apenas uma questão de caráter teórico, mas trata-se também de uma necessidade prática, porque é com base em uma concepção de história que podemos assegurar um critério para uma aprendizagem efetiva e coerente.

Diante disso, a partir do olhar historiográfico podemos entender como o homem vai narrar momentos considerados importantes de diferentes maneiras, e essas compreensões divergentes acerca de um mesmo fato é onde se aplica a ciência História. No entanto, nem sempre a História foi vista como estudo de caráter científico. Só a partir do século XIX que a História vai se estabelecer enquanto ciência, como afirma Oliveira (2015, p. 40):

Durante o século XIX a História procurou afirmar se como uma ciência nova, com parâmetros metodológicos claros e bem estabelecidos. Nessa tentativa de consolidar se como padrão da ciência até então vigente, a historiografia utilizou-se de uma metodologia semelhante à já efetuada pelas ciências naturais. Criou-se então um questionamento acerca da objetividade em termos históricos.

O resultado desse movimento será denominado de Historicismo, que a partir de uma metodologia positivista irá narrar a história essencialmente por fatos isolados, sujeitos históricos e grandes feitos. Essa Historiografia irá chegar aos moldes educacionais brasileiros durante a década de 70 do século XIX como relata Bittencourt (2009, p. 60) “a partir da Escola Antiga Primária, que tinha como objetivo alfabetizar uma minoria elitista, e priorizar a disseminação de uma ‘história nacional’ utilizando a história como ferramenta pedagógica para estabelecer uma ‘identidade nacional’”.

Contudo, a história que era aplicada nessas escolas que, normalmente, se encontravam em espaços públicos mais desenvolvidos, era uma história ao partir do sagrado, no intuito de doutrinação daqueles que tinham acesso a ela, além disso, o modelo de aprendizagem estava relacionado à memorização do conteúdo que era passado.

O modo de ensinar passará a ser revisionado de meados dos 80 do século XIX com o fim da legalização da escravidão, o país também estará lidando com processos ativos de imigração, bem como constante urbanização. (BITTENCOURT, 2009, p. 62)

Uma mudança significativa na educação pode-se perceber a partir do modelo republicano com a amplitude de cidadãos com direito a participação nos votos. Todavia, esta mudança educacional tinha um propósito, no sentido de construir a identidade nacional que naquele momento se baseava na Europa como modelo de civilização.

No início do século XX, as escolas em território nacional, apesar da sua grande diversidade de modelo pedagógico passaram a ser mais controladas pelo estado. Durante a década de 1930, com a criação do Ministério da Educação, esse controle ficou ainda mais evidente. A elite brasileira se coloca no lugar do povo predestinado a cuidar do futuro da nação, isso resulta em novos signos históricos e mais elementos nacionalistas. Grandes exemplos dessas mudanças serão a instituição de Tiradentes como “herói” nacional, e os festejos de 7 setembro, que agora serão de cunho obrigacionais (LIMA E FONSECA, 2011).

Ao observarmos essas “reformas” é possível perceber o quão o fato histórico está atrelado à perpetuação de nomes, datas e versões de uma história oficial formada a partir da memorização e sua manutenção a fim de uma naturalização do seu controle sobre os grupos dominados.

Os que detêm o poder, ou os que o exercem através do Estado, tenderão a criar representações da sociedade, nas quais os privilégios, as hierarquias, as divisões entre os que mandam e os que devem obedecer surgiram como fatos naturais. (GREGÓRIO E PURIDADE, 2011).

Com a implementação da Lei Nº 4.244 de 1942, a história ganha uma carga horária maior, agora com uma História Nacional, mas essa não será de cunho obrigatório. Por outro lado, a história eurocêntrica que tem o Brasil como “descobrimto” resultado de uma expansão marítima europeia irá permanecer, bem como a história do sagrado. Essa mudança tinha a finalidade, principalmente de formar uma elite consumidora e urbana, inspirada no ideal norte americano, que fosse destacada daqueles que não tinham letramento.

Art. 1º O ensino secundário tem as seguintes finalidades:

1. Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes.
2. Acentuar a elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística.
3. Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial (BRASIL, Lei Nº 4.244 de 1942).

Essa reformulação acerca do objetivo do ensino enquadrava a disciplina de História e outras como Geografia e Filosofia como “Estudos sociais”, a tentativa era de aproximar o jovem do contexto social e mascarar a inconsistência existente dentro da proposta pedagógica, se classificando como uma descaracterização as Ciências Humanas:

Constituem os Estudos Sociais, atividade interdisciplinar, que se processa com a História, a Geografia, Economia e Política, Sociologia e Antropologia Cultural, ciências sociais essas, cujo ensino, ministrado através de metodologia especial, tem por fim realizar valores sociais, exigidos pela época. Assim as Ciências Sociais investigam as relações humanas em função dos nossos tempos, e os Estudos Sociais servem-se do conhecimento global delas para obter conclusões práticas, úteis à vida da sociedade [...] (SANTOS, 2012, p. 16)

A década de 1950 ficou marcada pela consolidação de um ensino técnico e científico, que propunha mais enfoque as disciplinas de exatas. Para o ensino de

História, tinha ficado a difícil tarefa de ser fundamentada, assim como as matérias de exatas, em conhecimentos neutros e objetivos (NASCIMENTO, 2017). Os livros didáticos pareciam ser manuais quais viriam “ensinar” ao professor a adequar-se a um ensino de história pautado na neutralidade e técnica.

Para (Nascimento 2015 apud Delgado de Carvalho, 1934), decorrer dos anos de 1960 os Estudos Sociais perduraram onde a proposta baseava-se em reduzir o conhecimento histórico, deixando-os simplificados e resumidos a uma história econômica e patriótica. Em escolas públicas, essa redução era ainda mais intensa com a diminuição da carga horária da disciplina, as aulas de história tinham como essência avaliações em grupos em classes lotadas. O momento era de luta contra o regime militar e os Estudos Sociais eram considerados como um de seus mecanismos de sustentação. Entretanto, a singularidade dessa vez era a preparação para implementação de obrigatoriedade de ensino dos “Estudos Sociais” a partir de 1970.

Art.1º - O núcleo-comum a ser incluído, obrigatoriamente, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus abrangerá as seguintes matérias:

- a) Comunicação e Expressão
- b) Estudos Sociais
- c) Ciências

0 BRASIL. Conselho Federal de Educação. Câmara de Ensino de 1ºe 2º graus. Núcleo-comum para os currículos do ensino de 1ºe 2º Graus. A doutrina do currículo na Lei nº 5.692. Parecer Nº 853/71, aprovado em 12/11/1971.

Só então, com o fim do regime militar nos anos de 1980, início da redemocratização do país há uma reformulação no currículo oficial, tendo em vista um movimento de modificações e propostas curriculares que vinham ocorrendo em vários estados brasileiros. Contudo, esse movimento corresponde a uma nova configuração mundial como afirma Bittencourt (2009, p. 93) “uma lógica que cria novas formas de dominação e de exclusão, principalmente porque o mundo capitalista não corre grandes riscos após as vicissitudes do socialismo ocidental”.

Portanto, a partir de novos moldes epistemológicos, inspirada nos princípios da Escola dos Annales, a História se mostrará mais aberta a dialogar com as outras áreas do saber, por meio de teias que envolvem as produções materiais e imateriais, valorizando as relações sociais e a produção cultural como toda produção humana. “O sujeito histórico, que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e as pessoais, é o verdadeiro construtor da História.” (OLIVEIRA apud BEZERRA, 2010, p. 45).

A partir desse entendimento há uma valorização do homem enquanto sujeito histórico e sua trajetória por meio do tempo e espaço. A história passa a ser trabalhada na Educação básica a partir de outra perspectiva, uma vez que se fundamenta em problematizar, reconstruir e interpretar o passado por meio de várias facetas sociais.

### **3 O ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19**

Quando se trata de analisar a modalidade educacional que inspirou o modelo de aula remota adotado durante o isolamento social, é preciso entender que antes da conjuntura da Pandemia da Covid-19, a ideia de educação à distância surge na intenção de ofertar uma educação possível para adultos que não podiam frequentar cursos de formação profissional; e o seu surgimento vai divergir opiniões acerca de diferentes datações entre os autores que tratam do tema, pois alguns autores vão considerar determinados fatores para afirmar que o processo de tecnologia atrelado a

método de educação não é uma prática tão recente como, afirma Bittencourt (2009, p. 107):

Um primeiro impacto nos meios de transmissão de informação aconteceu com a difusão maciça da televisão, que inicialmente foi entendida como uma concorrente da escola. As atuais gerações convivem com informações obtidas por imagens e sons, e essa situação tem provocado mudanças substantivas na escolarização.

Nesse sentido é possível afirmar que o objetivo da educação a distância é tornar possível a transmissão de conteúdos educacionais enquanto o educador e o receptor estiverem em espaços físicos distintos. Apesar do modelo de ensino à distância ser algo que visa “facilitar” a recepção do discente, quando este não pode participar de um ambiente presencial, a realidade tem deixado muito a desejar, de acordo com Mello (2020, p. 19):

[...] a Educação a distância tem sido marcada por um modelo massivo de entrega de conteúdos. Tal modelo tem sido amplamente criticado por ser ancorado em modelo pedagógico que Transmissão-Recepção, que não propicia participação, colaboração e desenvolvimento crítico do estudante. Em muitos casos, também não leva em consideração o potencial das tecnologias da cibercultura.

Esse meio de formação vem sendo defendido, principalmente, por entidades privadas para urgente implementação. O interesse a favor de uma abordagem educacional pautada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICS) partiu da ideia de integrar a cultura digital para dar ao aluno mais autonomia no que concerne ao tempo de estudo, ritmo e personalização no modo de aprendizagem. Por outro lado, não podemos deixar de salientar o grupo de discentes que estão sujeitos a esse tipo de condução de aprendizagem, nasceu em um mundo globalizado e conectado, portanto, a tecnologia é algo comum, em virtude de que:

É preciso entender o uso da tecnologia de forma natural e criativa no processo de aprendizagem, como o lápis e o papel já foram um dia; tecnologia como meio e instrumento que deve empoderar o sujeito e ampliar as possibilidades de transformação e sentido que o processo de aprendizagem deve trazer, tanto para estudantes quanto para educadores. (MORAIS et al, 2017, p. 373)

Desse modo, a partir deste contexto, observa-se que por meio da iniciativa privada inicia-se um processo de proliferação, onde entidades públicas passam a ofertar cursos para formação de educadores mediante a inclusão dessa vertente no currículo de acordo com os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular - BNCC<sup>1</sup>.

Então a partir de 2020, esse discurso, de tornar a educação à distância uma realidade nas escolas, ganha um cenário a seu favor em todo o contexto educacional, visto que as pessoas estavam vivendo uma pandemia. Nessa escala foi possível observar o abismo social e educacional que existe no Brasil, e a *internet* vai ser o meio no qual vai servir como intermediação entre o professor e o aluno para dar continuidade às atividades escolares, realizando uma adaptação de plataformas de vídeo-chamada para o propósito educacional.

Entretanto, essa mudança exigia um planejamento minucioso em consonância com as diversidades socioeconômicas existentes na esfera escolar. Por outro lado, a

---

<sup>1</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 17/07/2022.

pressão de pais preocupados com o ano letivo, estudantes ociosos e lideranças políticas, exigiam uma atuação imediata da escola que emanou um atropelo pedagógico, resultando em uma atuação cheia de lacunas: professores sem instruções ou especialização para utilização das plataformas; interação informal entre professor e aluno, sem mediações entre o profissional e particular; profissionais sem suporte tecnológico se submetendo a uma mudança cotidiana para se enquadrar no mundo global, que exigia dos educadores uma multifuncionalidade jamais vista na história de sua profissão, entre outros. O que estava em jogo não era o bom desenvolvimento dos conteúdos ou foco na aprendizagem, mas sim a falsa sensação de normalidade na qual tinha que ser transmitida para sociedade, como relata Mello (2020, p. 25):

O que temos assistido é uma forma de acolher o estudante, manter uma certa interação e apoio utilizando-se de diversas interfaces no sentido de dar uma “certa noção de normalidade” ao “tentar dar continuidade aos conteúdos curriculares”. O que vem ocorrendo, não pode ser considerado Educação a distância (em nenhuma concepção), muito menos educação online, pois trata-se de adaptar modelos didático-pedagógicos a partir de realidades e contextos completamente distintos.

Portanto, tal como a Escola, a disciplina de História encontrou seus desafios. A integração da disciplina de História ao ambiente remoto revela uma complexidade de desafios visto que a supervisão do professor no acompanhamento do aprendizado do aluno é extremamente limitada, mas por outro lado as possibilidades de trabalhar os conteúdos por meio de pequenas inquietações que estão próximas ao dia-a-dia do aluno, como o homem ao decorrer de seu processo de evolução irão encontrar diversas formas de comunicação até chegar ao ambiente remoto, isso faz com que o educador demonstre, além do domínio de conteúdo, a sua sensibilidade na construção de novos saberes aos estudantes.

Desse modo, a partir do rápido avanço da pandemia a partir de 2020 e das medidas sanitárias para barrar a propagação do vírus, se instaura no país o encurralamento do ensino e aprendizagem, e termos que antes não eram ditos em aulas presenciais começam a ganhar visibilidade a partir de diálogos mediados nos ambientes virtuais de propagação do ensino como: *aula remota, link, e-book, slide, videoaula, microfone, híbrido, online, câmera, chat, internet, conexão, áudio, whatsapp, mensagem* e dentre outros vários termos que se referem ao novo universo que a escola faz parte agora.

Então, essa nova configuração do universo escolar faz com que haja a necessidade de pensar os impactos que as interferências evidenciadas pelo contexto pandêmico causam em uma disciplina como a História, visto que os problemas que virão serão totalmente diferentes daqueles os quais teóricos já vinham tentando sanar, isso implica afirmar que as metodologias ativas a partir de jogos de troca entre aluno e professor estão mais presentes, mas por outro lado, a presença de situações adversas e inéditas também deve ser levada em consideração já que esses meios de comunicação não foram criados especificamente como dispositivos pedagógicos. Como afirma Gomez (2010 apud Lopes e Vas, 2016, p. 3)

O mundo das redes sociais é relativamente novo. Os programas de redes sociais, sejam pessoais, temáticas ou profissionais, na realidade não foram criados para atividades educativas, embora nas escolas se estejam usando alguns deles (...). A rede é mais um espaço da escola contemporânea que necessita orientação e cuidado para se transformar em um dispositivo pedagógico.

Entretanto, apesar de existir uma preocupação quando passamos a observar a configuração do ensino remoto<sup>2</sup> e percebemos que o protagonismo do professor e do aluno abre espaço para um terceiro protagonista que é a comunicação a partir de plataformas de vídeo, áudio e mensagens de texto, a escola precisa ter a ciência de que a difusão do conhecimento está também para além de seus muros e deve estar disposta a acompanhar as mudanças de práticas sociais como afirma (Sposito, 2005, p. 55)

A gestão democrática deve ser um instrumento de transformação das práticas escolares, não a sua reiteração. Este é o seu maior desafio, pois envolverá, necessariamente, a formulação de um novo projeto pedagógico. A abertura dos portões e muros escolares deve estar acompanhada da nova proposta pedagógica que a exija. Se as escolas não estiverem predispostas a essa mudança, a gestão e a melhoria da qualidade serão expressões esvaziadas de qualquer conteúdo substantivo.

Não podemos esquecer os benefícios que as ferramentas podem trazer para o ensino, visto que a educação sai de sua posição cômoda e passa a pensar na evolução de métodos para abarcar um modelo de ensino que também pode ajudar o homem na sua formação socioeducacional.

## **4 IMPACTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA MEDIANTE A EDUCAÇÃO REMOTA, EM TERMOS DE MÉTODOS, APRENDIZAGENS E DESAFIOS**

### **4.1 Tipo de pesquisa**

Inicialmente foi realizado um levantamento de artigos e livros publicados entre 2020 e 2022 referentes ao Ensino de História por meio de aulas remotas que permitiu a formulação de hipóteses no direcionamento da análise das quais não tinham sido questionadas em pesquisas anteriores de cunho bibliográfico. Quanto à natureza da pesquisa, esta se trata de uma pesquisa quali-quantitativa na qual a abordagem foi mista, correspondente às perguntas de cunho numérico e subjetivo para maior aprofundamento das problemáticas existentes.

A proposta é obter informações sobre o impacto das aulas remotas no que se refere à atuação do professor de História, observando as aproximações e distanciamentos dentro do seu campo de formação profissional e os improvisos de um ambiente virtual. Campo de atuação que até então não tinha sido pensado para a composição final profissional de um professor, mas que durante a pandemia da Covid-19 ganha maior visibilidade e importância.

### **4.2 Instrumento de pesquisa e coleta de dados**

Para elaboração e levantamento das fontes foi utilizado enquanto instrumento de pesquisa um questionário composto por 2 questões abertas e 12 fechadas. O público alvo para aplicação desse questionário são professores de História que atuam em escolas públicas e privadas na cidade de Itabaiana-PB. A aplicação do questionário foi feita sem recrutamento e de forma aleatória, o que isenta a

---

<sup>2</sup> MOREIRA E SCHLEMMER, 2020, p.09

possibilidade de identificação, resguardando a identidade dos respondentes, inclusive para a pesquisadora em questão.

O questionário foi elaborado a partir de uma ferramenta gratuita *online* – *Google Forms*, o qual foi enviado por *link* para variados grupos de professores por meio da ferramenta do *WhatsApp*. Estes por sua vez, responderam ao questionário de maneira anônima. Por conseguinte as respostas foram armazenadas na nuvem do *website*, disponibilizadas por meio de dados e gráficos que são gerados automaticamente pela ferramenta para auxiliar a análise do pesquisador.

Outro fator relevante que devemos considerar é que o formulário se divide em dois momentos para melhor compreensão da problemática proposta, pois para que se tenha uma noção de quanto, onde e quais foram os impactos causados pelas aulas remotas no ensino de História, precisamos ir à busca da relação ensino de História e tecnologia antes do contexto pandêmico, por isso algumas das questões se referem a momentos antes das aulas remotas e outras questões se atentam no momento durante as aulas remotas.

### 4.3 Análise e interpretação dos resultados

No que se refere à natureza das investigações, o formulário disponibilizado foi respondido por 18 educadores da disciplina de História que atuam na cidade de Itabaiana-PB. No primeiro momento do formulário as questões foram voltadas para compreensão do distanciamento da formação do candidato dos métodos de comunicação atuais, bem como, a sua relação com a tecnologia antes da experiência com o modelo de aula remota. Dos 18 candidatos respondentes ao questionário, cerca de 44,4% se classificam como profissionais com mais de 10 anos de atuação em sala de aula; 38,9% são do grupo que tem menos de 5 anos de atuação em sala de aula, e por fim, 16,7% possui entre 5 e 10 anos.

A partir dessa primeira pergunta podemos perceber que a amostra se classifica entre três gerações de profissionais do ensino de História, de acordo com uma percepção superficial, quanto mais distante a formação desse professor for do atual modelo de sociedade conectada que estamos vivendo, mais dificuldades este vai apresentar em se adequar a modalidade de ensino remoto, visto que as metodologias trabalhadas na sua formação podem estar ultrapassadas e tiveram que ser modificadas com o tempo.

A segunda e terceira pergunta tem como objetivo delimitar o conhecimento prévio desse profissional em relação às ferramentas digitais, a fim de compreender o quão a integração do ensino das aulas remotas modificou as várias instâncias de sua vida. Ao questionar sobre sua relação com a tecnologia, considerando o uso de *softwares* de computadores e *smartphones* antes do acontecimento das aulas remotas, 72,2% responde que sempre utilizou ferramentas digitais, enquanto 22,2% afirma utilizar só recursos básicos e 5,6% nunca utilizou. Isso nos leva a considerar que apesar da distância entre sua formação e a conjuntura atual da comunicação, é preciso levar em consideração as suas vivências pessoais no mundo globalizado, como fatores que também agregam em seu conhecimento acerca do mundo virtual e ferramentas digitais.

Neste caso, é perceptível que dessa amostragem, a maioria já convivia com a tecnologia seja na vida pessoal ou profissional, mas ainda que 94,4% tenha tido um contato mesmo que mínimo com o mundo digital, apenas 33,3% afirma que tinha um ótimo domínio sobre os recursos tecnológicos; 55,6% informa que tinha apenas um pouco de dificuldade, enquanto 11,1% demonstra grande dificuldade no domínio dos



recursos digitais, ou seja, 66,7% não tem um bom domínio dos recursos que podem viabilizar a aplicação de um conteúdo.

No segundo momento do questionário proposto, as perguntas serão voltadas para os fatores de relevância durante a experiência vivida no modelo de aula remota, neste caso, com a finalidade de observar os entraves e permanências do antes e durante. Ao serem questionados sobre possuir *internet* e computador para a participação nas aulas síncronas e produção de material para as aulas, 77,8% dos participantes informam que possuem *internet* e computador, enquanto 22,8% não possui nenhum dos dois recursos. A partir desses 22,8% podemos compreender que apesar de se tratar de uma mesma classe social há disparidades entre posses relacionadas à situação socioeconômica e a relevância usual desse dispositivo ou *internet* para os educadores que compõem essa porcentagem.

Por conseguinte, as perguntas 6 e 7 destacam a relevância do papel do Estado e da instituição escola enquanto atuantes que devem se ater as diversas situações nas quais os professores se encontram e como contribuir para sanar dificuldades que podem interferir na atuação do educador durante as aulas remotas. Pensando nisso, foi questionado aos professores se a escola ou algum aparelho governamental lhe apoiou quanto à manutenção de serviço de *internet* ou em caso de não ter um aparelho digital para preparação de material e participação da aula, já que há também outros agentes que devem se responsabilizar pelo patamar educacional dos jovens.

A situação se torna ainda mais crítica, pois 83,3% alega que não obteve apoio para manutenção de serviços de *internet* e 66,7% informa que não teve apoio em caso de não ter aparelho para participar de aula ou preparar material, isso só mostra que não houve um planejamento para um trabalho conjunto, mas sim um desvencilho de responsabilidades quanto ao papel de uma gestão democrática do ambiente escolar durante esse período, como afirma (ALMEIDA E SILVA, 2017, p. 134):

De modo geral pôde-se observar que há uma distância de discurso sobre gestão democrática e uma factual prática de gestão democrática da educação. Encontramos algumas lacunas quanto à atuação da gestão democrática, principalmente na questão do diálogo com os segmentos que compõem a escola. A gestão democrática da educação é, ao mesmo tempo, liderança e trabalho coletivo, autonomia e participação, competência e representatividade, levando seus integrantes a um crescimento como cidadão atuante da sociedade em que vive.

O papel administrativo e a comunicação com a instituição de atuação nesse sentido é totalmente importante para que o professor de História possa se preocupar apenas em fazer o que é de sua finalidade, como o preparo de material e pesquisa de metodologia que contribuam para a aprendizagem do aluno. Entretanto, a efetivação do dever de um educador torna-se apenas um detalhe quando um conjunto de fatores mais preocupantes ganham protagonismo.

Ainda na mesma linha de raciocínio, foi questionado a estes educadores de História se os mesmos tiveram dificuldade no manuseio de algum recurso necessário para atuação nas aulas remotas e se mediante a essa dificuldade obteve algum curso de especialização para sanar adversidades, 55,6% dos candidatos responderam que tiveram dificuldade e que apenas 44,4% tiveram suporte com cursos de especialização para sanar suas dúvidas. A isenção do papel da gestão de uma medida na qual iria melhorar a desenvoltura desses profissionais e quando não um diálogo passivo, bem como um discurso que visa o mesmo objetivo, o resultado final recairá sob aqueles que são o foco de todo o entorno, neste caso, os alunos.

Os conflitos quando não explicitados tendem a deteriorar o clima organizacional, pois as pessoas guardam dentro de si ressentimentos,

negativismo, agressividade, ou passividade, imperando o individualismo e não o interesse coletivo. É fundamental que exista nas escolas um clima no qual os profissionais se sintam bem e motivados para realizarem suas tarefas (COLOMBO, 2011, p. 77).

Com base na perspectiva de um professor de História, que por sua vez já tem uma carga horária muito limitada no modelo presencial, foi questionado a esses candidatos se eles se sentiram prejudicados quanto à carga horária de sua matéria em detrimento das outras, bem como na possibilidade de fraudes nas avaliações de aprendizado do aluno, que por sua vez, podem ser um impasse no acompanhamento que o professor realiza através da observação de desenvolvimento da apreensão do conteúdo. Libâneo (1994, p. 195) destaca sobre isso que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é um reflexo sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos.

As respostas de 66,7% dos candidatos consideraram prejudicial à carga a horária reduzida de sua matéria em detrimento de outras. Quanto às avaliações, 88,9% dos professores consideraram que a possibilidade de fraudes em avaliações de desempenho era bem maior. Sobre as duas questões acima, podemos observar que os professores de história se encontram encurralados por uma política educacional que não funciona na prática do ensino remoto, o interessante seria filtrar os conteúdos mais importantes e trabalha-lo com mais clareza. Quanto ao método de avaliação, esse não deve ficar apenas na prova; isso quando o professor de História considera que todos os seus alunos tem condições de participar dessas avaliações, o ideal é pensar fora de um cenário presencial.

O docente de História tem a possibilidade de avaliar de inúmeras maneiras. Dentre as quais destacamos: participação dos alunos em fóruns, engajamento nas aulas remotas, entrega de atividades, simulados, análise de imagens referentes ao conteúdo trabalhado na aula, relatórios de vídeos ou documentários assistidos, releitura de imagens, produção de portfólios, produção de paródias ou de textos sobre os temas estudados. (ANDRADE, et al, 2021)

Por fim, duas perguntas em aberto foram propostas aos candidatos com o objetivo de entender o que esses professores usaram como estratégia para conseguir atrair a atenção, a participação dos alunos e também o que esses educadores consideraram como positivo ou negativo durante as suas experiências das aulas remotas. Para a pergunta acerca das estratégias utilizadas, as respostas foram:

- Genially, aplicativo de criação de slides interativos com jogos de perguntas e respostas;
- Youtube, plataforma de exibição de filmes, músicas e vídeos;
- E-books curtos para incentivo a leitura;
- Mapas mentais;
- Instagram, rede social de conteúdos fotográficos e vídeos curtos;
- Reportagens jornalísticas;
- Google Earth para visualização de mapas;

- Kahoot uma plataforma de dinâmicas de perguntas e avaliações através de jogos interativos;
- Trechos de poemas e filmes;
- Podcasts.

Desse modo, o que podemos observar a partir de todo esse aparato digital e respostas anteriores é que os professores apesar de todos os obstáculos que se mostraram presentes na trajetória da sua experiência com as aulas remotas, os mesmos se reinventaram e foram em busca de novos campos do saber para aplicar o seu conhecimento, além disso, o papel de desenvolver sua sensibilidade comunicativa com as novas gerações:

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2004, p. 4)

A pesquisa apontou que os professores, apesar de em muitos dos casos não contarem com o apoio de agentes que também são responsáveis pelo processo evolutivo do modo de ensinar e aprender, se mostraram determinados a enfrentar o maior desafio que estava diante de sua atuação mesmo que sozinhos e sem aparato.

O professor necessita articular as novas tecnologias com sua prática docente, de maneira que a aprendizagem se torne uma realidade, em tempos de tantas incertezas o vínculo com a escola precisa ser fortalecido, para que não ocorra a evasão escolar. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação enriquece as aulas e motiva os estudantes na aquisição de novos conhecimentos. Mesmo diante do isolamento social, a escola precisa continuar seu trabalho de formar cidadãos para o bom convívio em sociedade e para atuar no mercado de trabalho. (ANDRADE, et al, 2021).

Entretanto, apesar do romantismo da atuação de bravura desses profissionais da História, em se lançar nesse desafio, não deixa de ser infausto a ausência de políticas públicas governamentais e de uma gestão democrática partindo da responsabilidade da própria escola como uma atuação em conjunto. Isso só demonstra que a educação ainda não é levada em conta como prioridade para a sociedade como um todo, mas o que é mais importante é manter falsa sensação de educar os jovens.

Por último, ao questionar as suas visões sobre os impactos que estes acreditam que a educação remota causou ao ensino de História, os mesmos mencionam como impactos positivos: um domínio maior de ferramentas tecnológicas que contribuem enriquecer as aulas e motivar os estudantes na aquisição de novos conhecimentos; as provocações na área educacional para ampliação um planejamento mais elaborado no intuito de enfrentar os novos desafios que surgiram na experiência educativa; outras formas de interação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem; a aproximação entre dois mundos que se viram semelhantes quanto ao enfrentamento dos desafios que a comunicação por meio do âmbito virtual propôs.

Em contrapartida os impactos negativos por sua vez foram: a maior exposição aos aparelhos que transmitem luminosidade e radiação, como computadores e celulares; a grande ausência da interação presencial entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, bem como a evasão dos alunos por inúmeros fatores de interferência; uma maior dificuldade em monitorar o aprendizado do estudante, visto que a possibilidade de fraudes se tornou maior; o desprezo por

iniciativas das Escolas e Estado para um trabalho em conjunto e maior apoio a esses profissionais da educação; a sensação de defasagem no processo de aprendizagem devido à falta de planejamento; doenças psicológicas em virtude do isolamento e da sobrecarga de demandas as quais esses professores foram expostos.

A ausência da interação presencial entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem compromete a participação do aluno e possibilita a defasagem no processo de construção da criticidade suscitada nos debates em sala de aula, sendo um dos motivos pelos quais alguns autores discordavam da eficácia e qualidade da educação à distância.

Outro fator que compromete a aprendizagem é o acesso à *internet*, diante da conjuntura socioeconômica de muitas famílias. Atualmente a *internet* é condição essencial para um bom seguimento na vida estudantil, acadêmica e profissional, pois todo o processo de pesquisa de leituras, de notícias, de levantamento de dados e de materiais relevantes e atuais, advém de recursos disponibilizados na *internet*, em *sites*, *blogs*, *e-books*, páginas em redes sociais. Os avanços tecnológicos trazem uma perspectiva facilitadora, porém, ainda excludente, pois é uma realidade distante das classes subalternas da sociedade, na qual o próprio Estado se ausenta desse suporte às famílias. Essa questão social ocasionou um número significativo na evasão escolar.

Por fim, muitas doenças psicológicas foram desencadeadas ao longo da pandemia, pois o isolamento social, a convivência apenas com a família, interfere completamente no processo de aprendizagem do aluno.

Em síntese, inúmeros foram os impactos que as aulas remotas causaram no ensino História, além de evidenciar as lacunas existentes dentro de um mesmo grupo social. A pandemia emergiu não só a partir das desigualdade no ensino, mas também a imagem de uma educação imatura em um país repleto de rachaduras, ainda assolado pelas disparidades econômicas e os fantasmas da fome e desemprego. Um conjunto de impasses fizeram estudantes se distanciarem das atividades educacionais e do ensino de História, que por sua vez é um grande aliado na compreensão desse momento de desajustes governamentais, que amplia as desigualdades e as incertezas de acesso ao conhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise relevante sobre os impactos das aulas remotas no ensino de História. A pretensão era analisar as condições que compõem o ambiente de uma aula online, no que se refere aos fatores externos que podem intervir e comprometer o objetivo da História de tornar o indivíduo crítico e consciente de que ele é sujeito ativo de seu próprio tempo.

Ao longo da pesquisa, podemos perceber que o ensino de História teve que passar por inúmeras mudanças na sua essência, as quais, através do presente estudo conseguimos identificar permanências e discontinuidades, para que viesse a se tornar a disciplina que compõe a atual estrutura da BNCC. A composição inicial de uma História ligada ao sentido religioso, veiculada a textos soltos sobre religião e conduta social. Ao decorrer do tempo, uma disciplina que ganha visibilidade na formação de um estado nacional. E, por conseguinte, uma disciplina que se torna ciência, ao se estabelecer através de métodos e teorias, a qual tem como objetivo estudar a trajetória humana e tornar os indivíduos conscientes criticamente.

Dessa forma, antes de adentrar ao contexto das aulas remotas, foi necessário realizar um pequeno estudo acerca do estudo à distância, seus objetivos,

possibilidades, viabilidades e dificuldades ao mostrar opiniões divergentes sobre a categoria. Então, compreender o início de um processo que ficou conhecido como modelo remoto de ensino, o qual consistia em voltar o conteúdo que era aplicado presencialmente para o modelo de aula virtual, que visava dar continuidade ao ano letivo já que sua interrupção foi causada pela tentativa de frear o vírus da covid-19, e essa foi a alternativa mais segura de manter as demandas educacionais.

Por fim, a aplicação do questionário voltado para compreender o campo de visão de professores de História atuantes na cidade de Itabaiana, que se viram desafiados diante de um momento inédito, quais foram suas dificuldades em termos de mudança do ambiente presencial para o ambiente virtual, e como esses professores conseguiram lidar com esses impasses. A aplicação do questionário teve impasses quanto aos respondentes no que se refere ao tempo de envio de respostas, bem como no recrutamento, já que muitos professores que moram na cidade atuam em outros municípios do Estado.

Todavia, podemos considerar que impactos positivos se baseiam em aprendizagens, as quais esses professores adquiriram durante essa experiência, visto que antes das aulas remotas alguns tinham muita dificuldade em utilizar ferramentas que pudessem viabilizar sua explanação do conteúdo, bem como o desconhecimento de plataformas, ou até mesmo a utilização de plataformas voltadas para o entretenimento em prol de uma didática que cativasse seus alunos, facilitando o processo de aprendizagem.

Por outro lado, o modelo de aula remota nos mostrou que o verdadeiro inimigo do ensino em todas as modalidades é a incapacidade de se reinventar. E que a escola, assim como o Estado, tem um papel de extrema importância no resultado final da evolução dos jovens, pois essas esferas devem saber trabalhar na coletividade, levando em consideração que a participação é ponto chave nesse processo.

A solidão do professor de História no processo de ensino-aprendizagem durante a experiência das aulas remotas descortinou a imagem de uma educação que sequer entendeu os principais paradigmas de um ensino pautado da democracia, uma sociedade repleta de disparidades econômicas e sequelas de más gestões políticas, que enfiaram raízes no presente através do despreparo de áreas da educação, economia e saúde.

Nesse sentido, esse estudo se apresenta na forma de contribuição para Academia, podendo servir de base para novas pesquisas no que se refere aos desafios do ensino de História, sobretudo para a historiografia do ensino de História nesse período da pandemia, a qual através de novas perspectivas de comunicação teve que se reinventar para demonstrar sua sensibilidade quanto à ampliação do universo escolar para além de seus muros e construção de novos saberes ao acompanhar a evolução das práticas sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Walkiria de Fátima Tavares de. SILVA, Julieta Beserra da. **Concepções e práticas de gestão escolar democrática na educação básica no Brasil**. Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica. Recife, 2017.

ANDRADE, Andreia Rodrigues. Et al. **Ações educativas em tempos de pandemia**. Campo Grande. Editora Inovar, 2021.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Abordagens Históricas Sobre a História Escolar**. Educação&Realidade, v.36, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15136>

BRASIL, LEI Nº4244, **Lei orgânica do ensino secundário**. DECRETO-LEI Nº 4.244, DE 9 DE ABRIL DE 1942.

CAIMI, Flávia Eloísa. **O que precisa saber um professor de história?** História & Ensino, Londrina, v.21, n.2, p.105-124, jul/dez. 2015

COLOMBO, Sônia Simões. **Escola de Sucesso: Gestão Estratégica para Instituições de Ensino**. São Paulo: 2011.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores**. Brasília. Liberlivros. 2010. In: Simpósio internacional de educação à distância (SIED) e encontro de pesquisadores em educação à distância (EnPED), 2016.

GREGÓRIO, Ângela Pereira. PURIDADE, Laudijane Souza. **O ensino de história e a educação brasileira**. São Paulo, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIBÂNEO, J.C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**, 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

LIMA E FONSECA, Thaís Nivia de. **História & ensino de história**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, Cristiano Gomes; VAS, Braz Batista. **O ensino de história na palma da mão: o whatsapp como ferramenta pedagógica para além da sala de aula**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (SIED) E ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (EnPED), 2016, UFSCAR, p. 1-14.

MELLO, Diene Eire de. **Educação à distância, educação online e atividades remotas**. Londrina: Didatic, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (et al). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAIS, Sarah Papa de (et al). **“Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda”**. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para

uma educação inovadora: elaboração de roteiros de estudo em “salas sem parede”. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, José. “**Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**”. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital online**. In: Revista UFG, 2020, V.20, 6343. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772> Acesso em: 21 de março de 2022.

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. **O ensino de História e Estudos Sociais em John Dewey e Delgado de Carvalho**. História e Cultura, Franca, v. 4, n. 2, p. 212-236, set./dez. 2015.

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. **O ensino de estudos sociais no Brasil: da sua gênese aos anos da ditadura militar (1930-1970)**. João Pessoa, 2017.

OLIVEIRA, Thiago Luiz dos Santos. **Os fundamentos da História enquanto ciência e disciplina escolar: paradigmas e orientações delineadoras**. Belo Horizonte, 2015.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **A abordagem historiográfica da disciplina escolar Estudos Sociais nas décadas de 1960 e 1970: nova perspectiva histórica**. Rio de Janeiro, 2012.

SPÓSITO, M. P. **Educação, gestão democrática e participação popular**. In: BASTOS, J. B. (org.) Gestão democrática. Rio de Janeiro: DPA, 2005.